



DA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE À ESTRUTURA CURRICULAR DAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Juliana Negrello Rossarolla; Paulo Severino Silva; Márcia Cristina Florêncio Fernandes
Moret; Suzana Caroline da Silveira Couti

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

mepe@unir.br

RESUMO: Essa pesquisa teve proposta norteadora um levantamento bibliográfico sobre a história da sexualidade, até a contemporaneidade. Estudou a concepção de sexualidade além da genitalidade; abordou sobre as contribuições de Freud, discorrendo sobre o desenvolvimento da sexualidade em suas fases: oral, anal, fálica, latência e genital. A sexualidade é desenvolvida durante toda a vida do ser humano, desde o seu nascimento até a sua morte. Contudo de acordo com Foucault a sexualidade deve ser “administrada”. Cabe então uma interpelação sobre sexualidade no âmbito educacional, analisar como a sexualidade deve ser trabalhada nas escolas de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as novas Diretrizes curriculares Nacionais. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses. Esse estudo trouxe reflexões e indagações sobre a relevância da adoção das propostas dos PCN’s que são a base norteadora para uma educação de qualidade Cabe então a instituição educacional escola adotar um diálogo aberto sobre o assunto, os alunos precisam de orientações sobre esses assunto que deve ser trabalhado e discutido sistematicamente.

Palavras-chave: Sexualidade, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientação Sexual.

INTRODUÇÃO

O texto ora apresentado é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca de como o assunto sexualidade vem sendo apresentado à sociedade ao longo dos anos e a repercussão disso dentro das escolas, a partir da abordagem dessa temática nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que incluíram a Orientação Sexual como mais

um dos temas transversais a serem abordados nas escolas.

A repressão sexual permeia a sociedade desde o século XVIII, quando a função do sexo era meramente reprodutora. No entanto, autores como Foucault e Freud difundiram suas ideias acerca da sexualidade diante de perspectivas sociais e psicológicas e abriram caminho para diálogos mais



abertos sobre a temática até a inserção nos currículos escolares.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Escolar (MEPE) da Universidade Federal de Rondônia. A metodologia seguiu a análise crítica sobre a temática da sexualidade e Educação Sexual nas escolas. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica com base em material publicado em livros, artigos e dissertações que abordam a temática em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sexualidade foi um dos mais importantes objetos de estudo de Sigmund Freud que desenvolveu a teoria da sexualidade infantil ao perceber que em muitos casos os problemas emocionais desenvolvidos em adultos, relacionavam-se com o desenvolvimento da sexualidade desde o nascimento. A partir daí a sexualidade humana vem sendo entendida com algo que vai além do sexo e se desenvolve durante toda a nossa vida como podemos verificar na seguinte proposição:

Na atualidade admitimos que a sexualidade se manifesta desde o início da vida e que se desenvolve, acompanhando o desenvolvimento geral do indivíduo. (VITIELLO, 1997, p. 33)

Como dito, o fato de admitirmos hoje a presença da sexualidade durante toda a nossa vida cabe a Freud que afirmou que a criança sente prazer desde o período de amamentação. Segundo Freud,

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes. (FREUD, 1905, p. 106)

O ser humano manifesta sua sexualidade de acordo com seu desenvolvimento e Freud selecionou esse desenvolvimento em fases:

A **fase oral** identificada no primeiro período da vida, que corresponde à fonte de prazeres na região oral, a boca é a primeira parte do corpo que a criança controla e tudo o que ela tocar será sugado, é parte mais sensível nesse período. Freud atenta-se para o perigo em não fixar ou estacionar em nenhuma das fases, o indivíduo deve vivenciar as fases sem conflitos.

Após essa fase a criança começa a ter controle das fezes por isso a denominação de **fase anal**, o autor afirma que nessa fase a criança domina a região e



anal isso proporciona realização e satisfação, esse período termina em torno dos cinco anos de idade. Após essa idade a criança inicia a **fase fálica** onde a criança começa a descobrir seu próprio corpo, os órgãos genitais começam a ser explorados, as meninas e meninos começam a perceber as diferenças fisiológicas. A fase da **latência** compreende dos cinco até os dez anos, é o período em que a criança começa a se relacionar com os colegas e a formar grupos, sua energia psíquica está para o fortalecimento do ego. A última fase é a **genital**, caracteriza-se pelo início da puberdade e segue até o fim da vida. Os prazeres concentram-se nas regiões genitais.

Freud pede atenção para compreensão sobre as fases da sexualidade e a importância da passagem satisfatória por elas.

A relevância em vivenciar cada fase de forma positiva sem conflitos e que o perigo está em o indivíduo não desenvolver-se e estacionar durante uma das fases.

Ainda na visão de Freud a primeira fonte de prazer está na região oral, e denomina-se fase oral que é a amamentação, com o tempo a criança amadurece e começa descobrir o seu corpo e seus prazeres. Na fase da

amamentação não acontece a repressão, contudo logo quando a criança adentra a fase anal os adultos já começam a colocar as regras o que é normal e o que não é.

Foucault aborda que no século XIX há uma confiscação da sexualidade, que origina-se no século XVII, esse período coincide com o desenvolvimento do capitalismo, a sexualidade é reprimida por ser incompatível com uma colocação no trabalho. De acordo com o autor a repressão é vinda das sociedades burguesas:

A ideia de sexo reprimido, portanto não é apenas somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociante e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia real, a subverter a lei que o rege, a mudar o futuro.(FOUCAULT, 1988, p.13).

Percebe-se pelo citado que a repressão está relacionada aos propósitos de domínios de poder, moralidade sexual sustenta-se na dominação de classes e estabelecimentos de poder liberal.

Foucault (1988, p. 10) descreve:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e a menor manifestação fá-lo-ão desaparecer- sejam atos ou palavras. As crianças por exemplo, sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interdita-lo razão para proibí-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifesta-



lo, razão para impor silêncio geral e aplicado.

A repressão propõe silenciar e assim afirmar que não há nada para comentar, discutir dialogar sobre.

Foucault coloca que é decretado a inexistência e mutismo. Isso fica muito evidente, por exemplo, quando as crianças questionam sobre este assunto, no geral as perguntas são ignoradas ou respondidas de forma muito abstrata. Em tempos modernos onde as informações estão a todo vapor, não dá para contar a historinha da cegonha como antigamente. Perante muitas indagações de crianças ou jovens a postura adotada por adultos é ignorar ou fingir não entender.

Então, falar sobre sexo significa transgredir as leis, pois o discurso sobre sexo é proibido e fadado. De acordo com o autor eis o que sustenta em nós uma obstinação em falar sobre sexo, justificando que temos a vontade de transgredir as leis. Na realidade toda essa repressão como mecanismo de poder nada mais é que uma forma de provocar a sexualidade “e suponhamos que os mecanismos de poder foram, de fato empregados mais para suscitar e “irritar’ a sexualidade do que para reprimí-la” (FOUCAULT,1988,p.22).

Com o passar dos séculos sugeriram marcantes transformações no que

tange ao tratamento desse assunto, pois o que antes era tido como forma de dominação e foi reduzido ao nível de linguagem, ou seja, silenciado ou censurado, agora, em tempos modernos é liberado, contudo como afirma o autor: “nova regra de decência, sem dúvida alguma, filtram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais restrita onde e quando não era possível falar dele” (FOUCAULT,1988, p.22).

Foucault (1988) faz uma observação sobre as escolas do século XVIII dizendo que se analisarmos superficialmente teremos a impressão de que não se comenta sobre sexo. No entanto, uma análise mais detalhada permitiu-nos perceber que toda a escola é permeada de regras, responsabilidades e punições indiretamente ligadas à sexualidade e que de certa forma há uma intensificação dos discursos sobre sexo.

O autor afirma que é oportuno regular, mas que seja através de regras comum a todos os indivíduos. Acima de tudo a sexualidade não deve ser julgada ou motivo de preconceito ou violência. A sexualidade precisa ser administrada, pois muitos problemas econômicos e políticos estão relacionados ao sexo, “é necessário



analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais...” (FOUCAULT,1988,p.28).

O sexo precisa ser gerenciado já que não é algo somente particular, mas, acima de tudo diz respeito a muitas questões públicas, e sociais já que “entre estado e indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análises e de injunções investiram”(FOUCAULT,1988, p.29).

Falar em “administração do sexo” é falar em gerenciamento, que não significa a eliminação da manifestação dos desejos, mas sim o seu controle. “o temperante não é aquele que não tem mais desejos, mas aquele que deseja “com moderação, não mais do que convém, nem quando não convém.”(FOUCAULT, 1984, p.37).

De acordo com Ribeiro (2004) falar de sexualidade não é algo tão novo em nossa sociedade brasileira. O autor afirma que houve seis momentos distintos quanto a esse assunto no Brasil: **o primeiro momento** compreende o século XVII e XVIII, o sexo é liberado aos homens e as mulheres sofrem repressão; no **segundo momento** século XIX temos o controle da sexualidade e práticas sexuais

camufladas e represadas por controle higienistas; **terceiro momento** de 1920 a 1940 vive-se uma urgente necessidade de uma educação sexual científicada que oriente as pessoas; no **quarto momento** temos a década de 60 e a implantação de programas de orientação sexual promovendo uma ação educativa; no **quinto momento**, de 1980 a 2000, as esferas governamentais assumem um trabalho sobre a Orientação sexual nas escolas.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB) foi promulgada em 1996, definiu a introdução da temática sexualidade nos currículos. O autor considera a inclusão da temática da sexualidade no currículo escolar como sendo **o sexto momento** de educação sexual no Brasil.

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentaram a necessidade de se repensar a temática em questão nas escolas, uma vez que ela está presente na vida do todo ser humano e considerando que este, passa muito tempo na escola, além de, na maioria das vezes, não ter oportunidade de se expressar em casa junto à família.

As discussões acerca de como trabalhar a orientação sexual ocorrem há muito tempo, pois desde a década de 70 é



uma preocupação, mas somente nos anos 2000 é que se construiu os PCN's, um instrumento como base curricular para educação sexual. Em toda trajetória dessa temática, foi pensado que muitos fatos regem à educação.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade (BRASIL, 2000. p.291).

Sabe-se que a escola é a grande responsável por essa educação, e que as crianças têm muitas curiosidades sobre o tema, mas que nem sempre é trabalhado de forma correta pelas escolas. Nessa perspectiva os PCN's são a base norteadora para uma educação de qualidade. Educação essa que oportuniza conhecimentos tanto aos docentes quanto aos educandos. Importante ressaltar que esses parâmetros curriculares também delimitam a atuação do professor perante a temática.

Seguindo orientações dos PCNs (BRASIL,2000, p.297) a escola deve ser capaz de:

Incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção e

sua identidade(BRASIL, 2000, p.297).

A nossa identidade é formada pela fusão de elementos de diversos sistemas culturais e nesse sentido a escola deve oferecer a diversidade dos conteúdos visando à plena formação do indivíduo.

No contexto educacional a Orientação Sexual oferecida pela escola deve preencher lacunas que muitas vezes não são preenchidas pelas famílias, além de sanar problemas como gravidez indesejada, doenças e outros.

A escola deve propiciar discussões, debates, rodas de conversas e outras ações para possibilitar acesso à sexualidade, respeitando os valores de cada um, além de desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. De acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais também deve oportunizar aos alunos conhecimentos para que sejam capazes de:

- respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os



estereótipos;

- reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids;
- evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade. (p. 52)

Dessa forma, o trabalho da escola é primordial para formação desse alunos, pois os levará a refletirem sobre a temática e vê-la com mais naturalidade.

O conselho Nacional de Educação Aprovou em julho do ano de 2015 a Resolução que define as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação inicial em nível superior e para a formação continuada, essa normatização enfatiza:

Art. 5º A formação de profissionais do magistério deve assegurar a base comum nacional, pautada pela concepção de educação como processo emancipatório e permanente, bem como pelo reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como

expressão da articulação entre teoria e prática e à exigência de que se leve em conta a realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e da profissão, para que se possa conduzir o(a) egresso(a):[..]

VIII - à consolidação da educação inclusiva através do respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, entre outras; (Resolução CNE/CP 2/2015).

De acordo com essas normativas a preparação do docente está voltada para que ele tenha um diálogo com os alunos pautando-se no respeito, diálogo e tolerância, frente às diferenças sexuais, de raça e de gênero.

CONCLUSÕES

O ser humano está imerso em sua própria sexualidade, portanto, não há como dissociá-la da escola. Isso, porque é no ambiente escolar, por meio das relações entre alunos e professores que ela se desenvolve e a partir daí comportamentos, valores e atitudes são fixadas. A escola cumpre uma papel fundamental na complementação de informações teorizadas sobre o assunto.

Felizmente, as discussões acerca da sexualidade tornaram-se cada vez mais frequentes nos ambientes escolares. A educação sexual bem realizada pode proporcionar o fortalecimento do aluno,



diminuição da sua vulnerabilidade e melhora em seu desempenho escolar.

Quando a escola se compromete com o fator sexualidade acaba por ampliar o conhecimento sobre fatos considerados sem importância pelo próprio meio social, mas que determinam aspectos importantes da vida do aluno, suas curiosidades e dúvidas, sua autoestima, sua aprendizagem preventiva e possíveis riscos quando o assunto é sexo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares Nacionais.** Estudos feministas: Florianópolis v. 9, n. 2. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual.** 2.ed. Brasília, 2000. v. 10, p. 112-128.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos:**

apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL

Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 2015. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a formação inicial em nível superior, e para formação continuada.** Brasília: MEC/SEF, 2015.

FOUCAULT, Michael. **Historia da Sexualidade I a vontade de Saber.** tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria , três ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1095) volume VII** RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal, FIGUEIRÓ Mary Neide Damico (org.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para a reflexão** São Paulo: cultura academica 2006.

RIBEIRO, Méri Rosane Santos da Silva; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo Gênero e sexualidade: Composições e desafios para a formação docente.** Rio Grande. FURG, 2009.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores.** São Paulo: Iglu, 1997.